



Troca de experiências

Grupos orientam e ajudam a lidar com a ansiedade nos processos de adoção

As famílias conseguem apoio, o que ajuda a superar os temores e suportar a espera.

Há 2 dias —Em Educação

Grupos orientam e ajudam a lidar com a ansiedade nos processos de adoção

As famílias conseguem apoio, o que ajuda a superar os temores e suportar a espera.

Por Alice Vieira e Gabriel Ojea*

25/05/2019 06h31 · Atualizado há 2 dias



Júlia Leal, fundadora do Gaala, na Praia Grande, com a família — Foto: Arquivo pessoal/Júlia Leal

O período de gestação costuma durar nove meses, mas para as mães e pais por adoção, a espera pode demorar anos. O tempo para conseguir adotar uma criança é grande e provoca ansiedade. Na tentativa de amenizar esse sentimento, cada vez mais pessoas recorrem a grupos de apoio, cujo foco é compartilhar experiências e aliviar os temores dos candidatos.



Em Santos, um dos grupos mais conhecidos está na Casa da Vó Benedita. A instituição fica na Zona Noroeste, e é dirigida por Elizabeth Rovai. Ela, juntamente com uma representante do Fórum e de quatro mães adotivas, idealizou o Grupo de Apoio à Adoção Direito de Recomeçar, que se reúne toda primeira quinta-feira do mês.

O espaço para as reuniões é a própria Casa da Vó Benedita, mas os participantes também mantêm um grupo no WhatsApp e um endereço de e-mail para atendimento não presencial. O grupo costuma fazer caminhadas em prol da adoção com auxílio de patrocínios.

Em São Vicente, o Grupo de Apoio à Adoção Maternizar surgiu pela mobilização de técnicas do Judiciário que, durante as entrevistas com pretendentes à adoção, tentavam reunir as famílias, incentivando a criação de um grupo na cidade. A presidente do Maternizar, Izabel Cristina dos Santos, de 53 anos, conta que a iniciativa já tem mais de 20 anos, mas a primeira reunião oficial só aconteceu em 2007.



Os grupos de apoio à adoção esclarecem dúvidas e promovem a troca de experiências — Foto: Arquivo pessoal/Júlia Leal

As reuniões são mensais, e nelas o grupo prepara os futuros pais para a adoção de crianças que, muitas vezes, já chegam com uma história. O Maternizar possui apoiadores, mas costuma procurar patrocinadores para os eventos que realiza. Izabel explica que, por conta das várias despesas, muitas vezes os integrantes tiram dinheiro do próprio bolso.

O Grupo de Apoio à Adoção Laços de Amor (Gaal), de Praia Grande, tem uma história semelhante. Ele foi idealizado pela empresária Júlia Garcia Leal, de 45 anos, que após ter dois filhos biológicos, sentiu vontade de ser mãe de uma menina. “Um dia estávamos no carro, eu olhei para trás, vi os meninos e percebi que faltava uma menininha ali no meio deles”, conta.

Júlia e o marido, Jairo Leal Junior, de 47 anos, deram início então ao processo de adoção. Por especificarem as características da criança – uma menina, e recém-nascida –, o tempo de espera foi grande. “Foram os três anos mais longos da minha vida”, admite. A maior dificuldade é lidar com a ansiedade. É muito difícil, porque a espera é por tempo indefinido, a não ser que você queira uma criança maior, mais velha”.

A chegada de Isabela Garcia Leal, hoje com 10 anos, gerou curiosidade por parte de muitas pessoas, que começaram a se interessar e questionar Júlia sobre os processos de adoção. Durante uma conversa com a cunhada Sandra Vicente Leal, de 51 anos, que era assistente social do Fórum de Praia Grande, surgiu a ideia de criar um grupo de apoio à adoção na cidade, para que as pessoas pudessem conversar sobre o assunto. No dia 31 de março de 2010, aconteceu a primeira reunião do Gaala, que há dois anos passou a ser considerado ONG e, após aprovação na Câmara de Praia Grande, se tornou de utilidade pública.



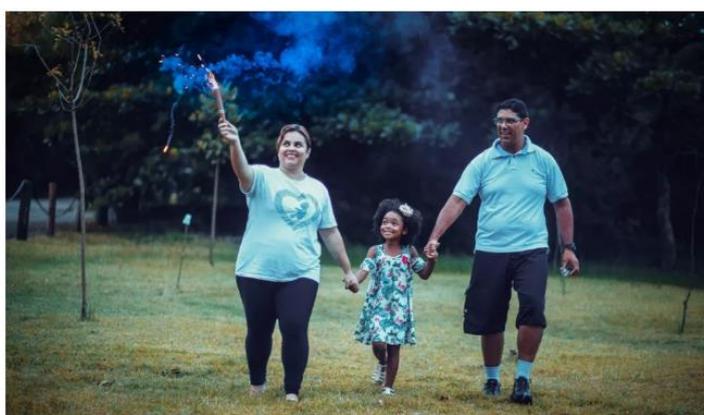
Kelly e André Souza com a pequena Beatriz: "Encontro de almas" — Foto: Arquivo pessoal/Kelly Souza

Alguns desses grupos da Baixada conquistaram a aprovação do Projeto de Lei 237/2018, referente ao nome afetivo, que é o nome real que a família adotiva escolhe para a criança, e substitui o nome biológico que vem na certidão de nascimento. Essa medida tem como objetivo evitar constrangimentos referentes à documentação, já que o nome afetivo não seria chamado em um hospital, por exemplo.

Diante disso, era necessário ter sempre a certidão e a guarda em mãos, para que os pais adotivos pudessem provar que a criança estava sob responsabilidade deles. Agora, o nome social escolhido está presente na guarda da criança adotada, comprovando a existência e evitando complicações. "É um direito que nós pais adotivos temos", ressalta Júlia Leal, uma das responsáveis pela elaboração do projeto.

O drama da espera

Uma das mães que buscaram o auxílio de grupos de adoção é a auxiliar administrativa Kelly da Paixão Menezes Souza, de 40 anos. Ela sempre teve o desejo de ser mãe, mas durante a adolescência, descobriu que tinha cistos no ovário, o que dificultaria a possibilidade de engravidar. "Tentei por oito anos uma gravidez biológica, com muitos exames, cirurgias, sofrimento".



Karina Martins, Anne e Adamo durante ensaio fotográfico de espera para a chegada de Gabriel — Foto: Divulgação/Mayara Jacques

Kelly também foi diagnosticada com um problema na trompa. Ela só conseguiria engravidar com fertilização. Fez duas tentativas, e perdeu os bebês. Em maio de 2013, conversou com o marido, André Luiz de Oliveira Souza, de 45 anos, e se cadastrou para a adoção. A vontade de ser mãe era maior que tudo e não importava de que modo.

A espera até a chegada da filha foi de dois anos. Kelly só tinha preferência de idade (até dois anos). No processo, a maior dificuldade foi a espera. Ela sabia que o bebê chegaria, só não sabia quando. “O primeiro olhar e o primeiro abraço foram como se nos conhecêssemos desde sempre. Um encontro de almas”, diz.

Kelly descobriu o Gaala em uma busca na internet sobre grupos de apoio. Foi aconselhada a comparecer às reuniões, que são realizadas sempre na penúltima quinta-feira do mês. Hoje, depois de quase sete anos participando, ela faz parte da diretoria e busca ajudar outros pais que procuram o grupo.

A filha, Beatriz da Paixão Menezes Souza, de 4 anos, ainda não tem plena consciência sobre a adoção, mas já existem conversas sobre o assunto. Depois de um ano da chegada de Beatriz, Kelly descobriu um tumor cerebral. Em novembro de 2018, fez diversas cirurgias, em meio a convulsões, e chegou a ter um AVC. “Mas eu sobrevivi, por ela eu enfrentei tudo. Estou em tratamento, e ela é minha inspiração”, afirma.

Outra mãe que encontrou dificuldades para ter um filho biológico foi a auxiliar de escritório Karina Morgana Marques Martins, de 38 anos. Ela e o marido tinham problemas que tornariam o processo de gravidez praticamente inviável. Quando optou pela adoção, além da dificuldade biológica, Karina também teve que convencer o marido, que no começo não aceitou muito bem a ideia, por acreditar que, eventualmente, ela engravidaria.



Shyva (ao centro) comemora o aniversário de 15 anos com a família adotiva — Foto: Arquivo pessoal/Helaine Pereira

Após muita conversa, entraram na fila. Esperaram por um ano e três meses até a chegada de Anne Gabrielly Marques Martins, hoje com 4 anos. A partir daí, o casal começou a frequentar o grupo de Praia Grande. Karina acredita que essa decisão foi fundamental para que o marido, que tinha muitas incertezas, aceitasse o processo. Atualmente, Karina também faz parte da diretoria do Gaala, e está há um ano na fila de espera para adotar um menino, Gabriel.

A autônoma Helaine Ribeiro Pereira, de 32 anos, é outra mãe que possui sua história ligada ao Gaala. Ela e o marido Carlos Eduardo Pereira, de 41 anos, já tinham um filho biológico, Miguel, hoje com 6 anos, quando resolveram dar início ao processo de adoção. “Desde menina desejei ser mãe por adoção. Conheci a causa através da minha mãe, que trabalhava no antigo orfanato da Praia Grande”, explica Helaine.

O casal esperou dois anos até a chegada de Yris, que na época tinha apenas dez meses. O que Helaine não contava é que, durante um dos eventos que o Gaala costuma realizar, no intuito de ajudar os abrigos, fosse se encantar por uma adolescente. Ela conta que o segundo processo foi diferente, porque com Shyva Adrielly, hoje com 15 anos, a espera foi bem mais complicada. “Já queríamos trazer ela pra casa, e não tem como ser tão rápido. Eu não queria mais deixar a Shyva, queria conversar todos os dias, ficava pensando nos gostos. É complicado, porque ela estava lá e não podíamos passar para falar com ela”.

Shyva, por ser mais velha, entende a situação e fala abertamente sobre adoção com os amigos. Por outro lado, Yris está aprendendo aos poucos. Helaine conta que a menina possui duas irmãs biológicas, e sabe da existência delas. Essas irmãs, que têm outras famílias adotivas, conhecem a garota e as três compartilham momentos juntas.

**Sob supervisão de Alexandre Lopes.*